

um livro. É assim que nós vamos enfrentar esse cerco. É assim que as entidades as quais eu represento...

Mesmo estando enfrentando o avanço do poder econômico transformando a educação em mercadoria, nós nunca podemos perder de vista a luta que nós temos que travar com a educação pública, de qualidade e inclusiva, porque é nisso que nós acreditamos, porque é lá que está a nossa razão de ser, que são esses jovens que estão aqui, que são aquelas crianças que sorriem.

É com esses instrumentos que nós vamos enfrentar esse cerco. Então, para encerrar, eu não gostaria de encerrar com uma tristeza, porque o dia dos professores, para mim, professor de história de ensino médio, sempre foi um momento de reflexão, mas também de muita alegria, em que eu buscava as lembranças da sala de aula.

Já estou aposentado e estou na militância sindical, e eu vou encerrar dizendo uma coisa que eu ouvia sempre de um aluno que foi muito marcante em toda a minha história na sala de aula, quando ele dizia para mim assim: “Professor, obrigado. Amanhã, tem mais”.

Obrigado. (Palmas.)

A SRA. PRESIDENTE - PROFESSORA BEBEL - PT - Antes da Sara, eu ainda tenho o vídeo - não posso cometer a indelicadeza de não passar - que é do sociólogo e professor Cesar Callegari. O Cesar foi meu companheiro no Conselho Nacional de Educação e é muito importante que a gente ouça as palavras dele. Por favor, Cesar Callegari.

\*\*\*

- É exibido o vídeo.

\*\*\*

Chamo a Sara. Por favor, Sara, da Uncme, que é a União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação. (Palmas.)

A SRA. SARA ISABEL - Boa tarde a todos e a todas que estão presentes aqui. Eu sou a professora Sara Isabel. Eu represento a Uncme - São Paulo na diretoria da Uncme, na presença do professor Milton Herrera, que manda um abraço a todos. A Uncme - São Paulo quer informar a todos que, ontem, soltamos uma nota em que somos contra o retorno 100%, neste momento. (Palmas.)

Não é tempo, ainda, de colocar os nossos estudantes em risco, principalmente os que só tomaram a primeira dose da vacina. Então, a Uncme se manifestou ontem, através de uma nota pública.

Eu trouxe para compartilhar com vocês, fechando, e parece que tudo corrobora. Complementando as palavras da Júlia, eu recebi uma carta da minha sobrinha e eu queria compartilhar com vocês.

É uma menina que acabou de sair da universidade, que estava casada, que perdeu o marido na pandemia, mas que, ainda assim, teve tempo de ter um olhar para os professores.

“Em algum momento da vida, lemos ou ouvimos, em algum lugar, que, se não fossem os professores, os mestres, não seríamos ninguém. De fato, não seríamos, mas até ontem não sabíamos o valor de um ensinamento e precisamos de uma pandemia mundial para descobirmos o quanto é valioso ensinar.

Quando toda uma população precisou desenvolver um pouquinho do seu lado didático para que os filhos acompanhassem suas aulas online, descobrimos que um grande mestre não abre um livro dentro de uma sala de aula, e apenas dita palavras.

Descobrimos que para ensinar é preciso se doar, se dedicar, é preciso ter paciência, é preciso ter dom.

Nesses dois (Inaudível.) anos, mais do nunca, os professores fizeram das tripas do coração, para que os seus estudantes não perdessem conteúdos e conhecimentos, não ficassem, como diriam todos, no prejuízo.

Vimos professores acompanhando o que o governo propunha, e doando muito mais do que podiam para que o ensino remoto funcionasse, tentando passar para seus estudantes que a educação sempre vence e sempre vencerá. E tem vencido apesar de todas as dificuldades encontradas.

A vocês, grandes mestres, pessoas dotadas de um excepcional saber, competência e talento, seja em qualquer área, nas ciências, nas exatas ou na arte, nossos parabéns e nossa profunda gratidão.

Vocês são seres humanos incríveis que deveriam ocupar o lugar de honra na sociedade, por compartilharem o saber, o dom, o amor de vocês, sem olhar a quem, rompendo fronteiras.

Se o futuro de uma nação são as crianças, está mais do que na hora de valorizarmos quem as ensina, quem as prepara. Educar sempre foi e sempre será uma missão.

A maior riqueza do ser humano é o conhecimento que ele adquire. E, como diria Paulo Freire, eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes, amo o mundo, e é porque amo as pessoas e amo o mundo que brigo para que a justiça social se implante antes da caridade.”

A Uncme São Paulo deseja a todos um feliz Dia dos Professores. (Palmas.) Continuamos na luta. Fora, Bolsonaro, chega.

A SRA. PRESIDENTE - PROFESSORA BEBEL - PT - Obrigada, Sara. É sempre uma satisfação ter as diversas representações e segmentos. A Educação é assim, ela não é, como dizia Paulo Freire, “vovô viu a uva”.

Mas é o contexto que deve orientar o ato de educar. Por isso, ele sofreu muito, porque com isso se politiza, e politizar não é pecado. Pecado é armar a população, tirar vidas, é não ter compromisso com vidas.

Isso é pecado, isso não está certo. Mas politizar, tornar consciente e deixar que cada um faça a sua escolha, esse é o caminho correto, que é a pluralidade de ideias, de posições, que nos permite, como cidadãos e cidadãs, que somos, abrir uma fronteira e lutar a cada momento por tudo aquilo que nós acreditamos.

Por isso me tornei professora. Eu me tornei professora porque eu acreditava. Não faria sentido para mim um escritório, como a minha irmã quis, desviou o meu caminho, professora no ensino médio, que eu ia fazer magistério, falou, “mãe, tenho que estudar contabilidade para arrumar emprego logo”.

Minha mãe falou, “então todas as duas vão estudar contabilidade”. Eu falei, “mãe, mas eu não quero. Eu quer ir fazer lá o Sud Mennucci”, que é a escola primária. Eu queria começar já como professora primária.

Mas como a gente não tinha dinheiro, minha mãe falou, “não, todas as duas vão para o mesmo lugar, porque uma olha a outra”, porque ainda tinha essa questão da moralidade.

Como é que iria uma sozinha sem a outra para não ter como contar? Tinha que ter. Eis que a minha danada da minha irmã mais velha ela casou-se no segundo ano de contabilidade, e eu tive que ir até o final da contabilidade, para depois fazer a minha escolha, que foi fazer letras.

Então era um sonho meu ser professora, eu dava aula para eu sozinha, meus irmãos tinham que ser meus alunos, e se não quisessem eu punha um monte de tijolo, cada um tinha um nome, eu falava com os tijolos.

Mas é isso, é um pouco disso. Quem sonha sonha da forma como pode. Eu sonhei, eu consegui ir dar aulas. Eu costume dizer, falava sempre para os estudantes: “vocês entram na minha casa o tempo todo”. “Eu não, professora, eu não estive lá.”

Eu falei: “Eu não levo prova? Eu não levo os trabalhos de vocês? Toda hora lá eu pego e vejo, “João não sei o que”, “Roberto não sei o que”, e a gente vê a cara de quem? De quem na hora que você está corrigindo você está vendo, o rostinho de cada um”.

Eu tomava muito cuidado para não ler nome quando eu dava prova dissertativas, porque se não você muda o critério, dependendo de quem está sendo. Eu falei, “eu não vou ler nome”, então lia, corrigia um pacote de provas assim.

Passava domingos, às vezes. Mas isso era um envolvimento, as pessoas não têm ideia de o que é o ato, de o que é ser um

educador, um professor. Eu tenho muita vontade de voltar para as salas de aulas.

Se tiver oportunidade eu quero voltar, ainda que eu esteja com bengala eu quero voltar, porque é um revigorar o tempo todo. Dizem que a gente sai. Hoje é verdade, por conta da falta de condições de trabalho.

De fato, o professor se adocece, fica com problema na voz, LER, tendinite, estresse, e tudo o mais. Mas quando eu comecei, eram salas numerosas, mas também me lembro que eu entrava nas salas de aula, eu esquecia do problema.

O problema era quando eu saía da sala de aula. Aí vinha tudo. Então era uma energização muito forte. E o mais lindo é quando eu preparava uma aula de acordo com os scripts, e a aula não virava do jeito que eu tinha preparado.

Eu chegava, já estava feita a roda. Eu falei, “ué, mas quem mandou fazer a roda?” “Nós, professora. Hoje é dia de debates”, porque eu dava debate. Então, mas era a forma de eu fazer. “Então tã, então vai ser o debate em cima do texto que nós trabalhamos.

Sim, em cima do texto. Então vamos reler, e ali ficava.”

Então acho que foram os melhores momentos da minha vida. E hoje criminalizam muito os professores que têm experiência, Marília.

Dizem que ex-professor não podem ser valorizados. Por isso, não, quem tem experiência agregou muito conhecimento, e isso não pode ser criminalizado como se fosse o antigo. Não é o antigo.

A cada momento, nas salas de aula, a gente reinventa. Você reaprende, você, ontem eu estava até conversando com um deputado, falou, “Professora, mas eu não sou favorável a esse negócio de por igual aluno com professor”.

Eu falei, “não é isso”. Até o aluno sabe que não é isso, que nós vivemos mais que ele, e que tem uma questão geracional. Eles sabem disso. O que nós não podemos é tratá-los a chibatadas.

Isso não dá certo. Ou no castigo, como escola cívico-militar. O próprio nome dizer “cívico-militar” já delimita os muros da escola. Escola não é para ter adjetivo. A escola tem que ser pública, de qualidade, plural, e para todos. Essa é a escola que tem que ser, a escola dos sonhos, popular, no dizer da Marília. Um pouco disso.

Vou pedir para o Wilson também proferir palavras, Wilson, e ao mesmo tempo dizer as representações que estão aqui. Mas diga alguma coisa, esteja à vontade, para eu ler o ato de encerramento desta sessão.

O SR. WILSON - Boa tarde a todas e a todos. Bom, Bebel, primeiro parabenizá-la pela organização desse evento.

Eu me sinto muito orgulhoso de fazer parte da sua assessoria, e me sinto também contemplado como professor, que sou, também, professor universitário, e também me sinto homenageado na data de hoje, nesse dia tão importante, que é o dia do professor, esse momento de reflexão tão importante sobre o significado da educação e sobre o protagonismo que esse profissional exerce na formação de tantas e tantas gerações.

Com isso eu quero registrar aqui a presença de pessoas que são muito importantes para a atuação parlamentar do mandato popular da Professora Bebel: o José Geraldo Pinto, da Unas, a Maria Lúcia de Almeida, também da Unas (Palmas.), a Terezinha Satec, da Unas (Palmas.), também da Unas, a Priscila do Amaral (Palmas.), a Vera Lúcia, ainda da Unas (Palmas.), os companheiros da Apeoesp, Maria Lúcia de Almeida (Palmas.), Zenaide Onório (Palmas.), Flau de Azevedo (Palmas.), a Ana Cristina do Nascimento, da Uncme (Palmas.), o Ismael de Jesus Morales, diretor da Pase (Palmas.), a Vanessa Laureano da Silva Santos, diretora da creche da Unas Frei Sérgio (Palmas.), Tiago Fainer, presidente da Uesp-Piraciaba (Palmas.), professor Valmir Siqueira, coordenador nacional do coletivo LGBT da CUT, diretor da Apeoesp (Palmas.), e o Darlécio Victor, presidente do Professorado Católico (Palmas.).

Obrigado, Bebel. Parabéns por esse belíssimo evento.

A SRA. PRESIDENTE - PROFESSORA BEBEL - PT - Bem, antes de ler eu tive a oportunidade de estar, no último 12 de outubro, em Aparecida do Norte. Eu sou católica, eu também tenho que dar uma banhada no meu espírito, porque ninguém aguenta tanta militância e tanta porrada sem nos aperegamos.

Mas fiquei muito contemplada com a palavra do cardeal, quando ele diz: “pátria amada não é pátria armada”. (Palmas.) Não pode ter um governo sem plantar o amor. Não pode plantar o ódio, não pode ter fake news.

Eu acho que serviu muito bem para o cidadão que esteve, eu acho que ele tem o direito de ir onde ele quer. Eu acho que as igrejas têm que estar abertas para quem quer que seja, para que religião for.

Mas no momento ali, em Aparecida do Norte, em que você vê pessoas tão pobres vindo de locais tão distantes, enfim. Não condizia com o momento pelo qual passa o País: fome, miserabilidade absoluta, desemprego e mais de 600 mil mortes.

Isso, por si só, fala por que não era o momento de o presidente da República estar em Aparecida do Norte. Ali é quem está buscando a esperança. Numa fila chorava, chorava, uma senhora dizendo, “fiz promessa para Nossa Senhora de Aparecida me curar de Covid, e ela me curou”. Vale, gente.

A fé é alguma coisa que se eu não acreditar em alguma coisa, eu também não vou aguentar. E para mim, até eu conversei com um jovem fotógrafo que estava comigo, o Guga, eu disse, “Guga, o que me deixa forte aqui é saber que todos vêm em nome do bem: ou quer melhorar alguma coisa, ou quer saúde para a família, quer, enfim, arrumar emprego.”

Então ali é um conjunto de energias positivas, e você se sente bem porque você também está buscando alguma coisa. Eu busco incessantemente e verdadeiramente, sim, melhoria na Saúde da minha família, de uma irmã que sofre, foi acometida por um câncer de mama.

Eu busco incessantemente, será por tantas outras coisas, mas eu busco incessantemente, desde que me tornei militante de sindicato, a melhoria dos professores do estado de São Paulo. (Palmas.)

E nós vamos ter de conseguir. Não é possível que só os grandiosos vençam. Gandhi já falava isso: “o que me deixa mais tranquilo é que um dia os tiranos cairão”, e vão cair. (Palmas.)

Antes, porém, eu tenho que ler o termo de encerramento, que é o seguinte: esgotado o objetivo da presente sessão, eu agradeço às autoridades aqui presentes, à minha equipe, aos funcionários, ao Serviço do Som, que brilhantemente trabalharam, da Taquigrafia, da fotografia, do Serviço de Ata, do Cerimonial, da Secretaria-Geral Parlamentar, da Imprensa da Casa, muito obrigada, da TV Alesp, das assessorias policiais, militar e civil, bem como todos os que, com suas presenças, colaboraram para o pleno êxito dessa solenidade.

Está encerrada esta sessão.

\*\*\*

- Encerra-se a sessão às 13 horas e 28 minutos.

\*\*\*

## 18 DE OUTUBRO DE 2021 6ª SESSÃO SOLENE PARA OUTORGA DE COLAR AO PROF. JOSÉ ALEX TRAJANO

Presidência: JOSÉ AMÉRICO LULA

RESUMO

1 - JOSÉ AMÉRICO LULA

Assume a Presidência e abre a sessão.

2 - ISABELA ARAÚJO DE SOUZA

Mestre de cerimônias, anuncia a composição da Mesa.

3 - PRESIDENTE JOSÉ AMÉRICO LULA

Informa que a PRESIDÊNCIA efetiva convocara a presente sessão solene, para a “Outorga do Colar de Honra ao Mérito

Legislativo do Estado de São Paulo ao Professor José Alex Trajano”, por solicitação deste deputado, na direção dos trabalhos.

4 - ISABELA ARAÚJO DE SOUZA

Mestre de cerimônias, convida o público a ouvir, de pé, o “Hino Nacional Brasileiro”, reproduzido pelo Serviço de Audiofonia da Casa.

5 - PRESIDENTE JOSÉ AMÉRICO LULA

Diz ser uma honra homenagear um educador. Discorre sobre o desenvolvimento da Coreia e o grande investimento na educação de crianças e jovens. Afirma ter sido esta a vantagem comparativa do país. Ressalta que o Estado de São Paulo foi o mais educado do País. Destaca o surgimento da primeira escola técnica, e da USP, neste Estado. Lamenta que os investimentos educacionais em São Paulo tenham decaído nos últimos anos, sendo hoje superados por diversos estados brasileiros. Esclarece que a educação somente foi colocada na plataforma de governo pela primeira vez no governo de Juscelino Kubitschek. Ressalta as características do homenageado, José Alex Trajano.

6 - ISABELA ARAÚJO DE SOUZA

Mestre de cerimônias, faz a leitura do curriculum do homenageado.

7 - PRESIDENTE JOSÉ AMÉRICO LULA

Faz a entrega do Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo ao Sr. José Alex Trajano.

8 - JOSÉ ALEX TRAJANO

Professor e presidente da Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos, membro do Conselho Municipal de Educação e Cultura de Mauá e membro fundador e presidente da Academia Mauaense de Letras e Artes Paulo Freire, agradece o deputado José Américo pela oportunidade e a todos os presentes na Mesa. Diz ser esta uma homenagem a todos os professores e educadores brasileiros. Discorre sobre sua área de atuação. Conta sua trajetória, desde a infância, no Nordeste, até a chegada em Mauá. Defende a educação para todos. Lembra a fundação da associação comunitária, na sala de sua casa. Afirma que devem lutar para um Brasil cada vez melhor.

9 - ISABELA ARAÚJO DE SOUZA

Mestre de cerimônias, anuncia apresentação musical de Mirian Wartusch, com a música de sua autoria, “Luar de São Paulo”.

10 - JOSÉ AMÉRICO LULA

Elogia o discurso consistente do homenageado, José Alex Trajano, mostrando seu compromisso com a Educação. Discorre sobre a superação de dificuldades na alfabetização tardia. Comenta a trajetória do homenageado. Afirma que quem faz história é quem tem iniciativa. Encerra a sessão.

\*\*\*

- Assume a Presidência e abre a sessão o Sr. José Américo Lula.

\*\*\*

A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ISABELA ARAÚJO DE SOUZA - Boa noite. Sejam todos bem-vindos à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Esta sessão solene tem a finalidade de outorgar o Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo ao professor José Alex Trajano.

Comunicamos aos presentes que esta sessão solene está sendo transmitida ao vivo pela TV Alesp e pelo canal Alesp, no YouTube.

Convidamos para compor a Mesa Diretora o deputado estadual José Américo. (Palmas.) O professor José Alex Trajano, presidente e professor alfabetizador da Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos, membro do Conselho Municipal de Educação e Cultura de Mauá, membro fundador e atual presidente da Academia Mauaense de Letras e Artes Paulo Freire. (Palmas.) A professora mestre Adriana Rieger. (Palmas.) A escritora e compositora acadêmica Mirian Wartusch. (Palmas.) A Sra. Ana Beatriz Jimenez, assessora jurídica, representando o gabinete do deputado José Américo. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ AMÉRICO LULA - PT - Sob a proteção de Deus iniciamos os nossos trabalhos nos termos regimentais. Esta Presidência dispensa a leitura da Ata da sessão anterior.

Sras. Deputadas, Srs. Deputados, minhas senhoras e meus senhores, esta sessão solene atende minha solicitação, deputado estadual, com a finalidade de outorgar o Colar de Honra ao Mérito Legislativo do Estado de São Paulo ao professor José Alex Trajano.

A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ISABELA ARAÚJO DE SOUZA - Convido a todos os presentes para, em posição de respeito, ouvirmos o Hino Nacional Brasileiro.

\*\*\*

- É reproduzido o Hino Nacional.

\*\*\*

A SRA. MESTRE DE CERIMÔNIAS - ISABELA ARAÚJO DE SOUZA - Neste momento ouviremos as palavras do deputado estadual José Américo.

O SR. PRESIDENTE - JOSÉ AMÉRICO LULA - PT - Obrigado, querida.

Boa noite a todos e a todas, aos componentes da Mesa. Deixa eu pegar a minha... Queria, bom, em primeiro lugar, destacar a professora Adriana Rieger. Professora, foi muito bom que você tenha vindo, tive um prazer muito grande em te conhecer.

A Mirian Wartusch... Wartusch. Não é Wartusch? Wartusch, que é compositora acadêmica. Também fiquei conhecendo você, muito bom que você tenha vindo.

A minha querida Ana Beatriz Jimenez, que é a nossa assessora jurídica. Os amigos, os homenageados que estão aqui e o pessoal que acompanha pelas redes sociais e pela TV Assembleia.

Nós estivemos, praticamente até a semana passada, atuando de forma virtual; a partir da semana passada é que nós passamos a atuar de forma presencial. Mesmo a Assembleia está tendo dificuldade para ter quórum, porque ficou durante muito tempo só em sessões virtuais. As comissões, hoje, continuam sendo virtuais, então a gente está retomando aqui. Este ato, inclusive, é uma sessão presencial, isso é muito bom.

Eu queria destacar o professor Alex Trajano, homenageado da noite, que é o presidente da Associação Comunitária Educacional Cícera Tereza dos Santos. Bom, o Alex...

Eu queria, em primeiro lugar, dizer que para mim, viu Alex, é uma honra estar homenageando um professor como você, que é um educador, é um professor no sentido amplo da palavra, uma pessoa preocupada com a educação das crianças, dos jovens. Isso é muito importante.

Eu queria contar uma pequena história de quando eu era criança. Lá pelos anos 60, tinha mais ou menos uns dez anos, doze anos que tinha terminado a guerra da Coreia.

Os Estados Unidos e os países da chamada “Aliança do Atlântico” apoiaram a Coreia do Sul contra a Coreia do Norte; impediram que a Coreia do Norte, que os comunistas, tomasse conta da Coreia.

Enfim, foram lá no chamado paralelo 19 e teve uma guerra pesada. Os Estados Unidos inteiro vieram, digamos, colocando como comandante do seu exército um dos heróis da Segunda Guerra Mundial, o general Douglas MacArthur.

Mesmo assim, os chineses acabaram expulsando os americanos de uma parte da Coreia. Sobrou uma pequena parte da Coreia do Sul, que ficou, digamos assim, do lado capitalista.

Bom, então, todas as vezes em que tinha uma pessoa muito esfarrapada, (Inaudível.): “Ah, esse cara veio da Coreia”. Coreia era sinônimo de gente esfarrapada, pobre, faminta, desacreditada.

Bom, vamos lá, isso é de anos 60. Cinqüenta anos depois, gente, o que é a Coreia? A Coreia é um dos países mais industrializados e mais ricos do mundo. Um país “chiquitito”, do tamanho do estado de Pernambuco - foi o que sobrou ao sul do paralelo 19.

Bom, muita gente fala: “Bom, mas eles construíram estradas, vias férreas”. Também, mas outros países também construíram estradas e vias férreas. Aonde está a diferença comparativa da Coreia com o resto do mundo? Por que é que a Coreia se desenvolveu tanto e outros não se desenvolveram?

“Não, mas o capital americano...”, aí alguém dizia “Não, o capital americano teve em outros lugares também”. O capital americano teve em várias regiões do mundo e elas não se desenvolveram, mas a Coreia se desenvolveu. Por quê? Porque a Coreia investiu em educação.

Era essa a vantagem comparativa: a Coreia já tinha uma tradição educacional diferenciada e ela investiu maciçamente em educação, em educação de crianças e jovens.

Então, essa foi a grande diferença comparativa da Coreia. Trinta, quarenta anos depois, tem uma mão de obra altamente qualificada, que é base para o desenvolvimento industrial.

Se vocês olharem o estado de São Paulo em relação ao Brasil, é mais ou menos a mesma coisa: o estado de São Paulo foi um estado que começou a ser desenvolvido lá em 1560, 1580, depois foi esquecido, porque infelizmente, ou felizmente, as minas não estavam aqui.

O chamado “Eldorado brasileiro” estava em Minas Gerais e Goiás. Inclusive, tem um livro do Renato Pompeu de Toledo sobre São Paulo que fala assim: “São Paulo, a Capital da solidão”, porque ficou de 1650 até 1850 com a mesma população.

Ficou praticamente esquecida a cidade, aí o ouro começou a ir direto para Paraty, etc. Bom, aí São Paulo recebe uma imigração europeia - 1860, 1870. Essa imigração europeia tinha uma diferença dos outros estados.

Primeiro, ela não era de população escrava; ela era semiescrava, mas não era escrava, e trazia uma cultura relacionada com a educação. O imigrante paulista queria educar os seus filhos.

Então, é por isso que São Paulo se desenvolve de uma maneira tão rápida e vai nos surpreender 70, 80 anos depois, no pós-guerra, como o estado mais educado do Brasil. Foi ele que recebeu as grandes indústrias; as montadoras vieram para cá, não vieram à toa.

São Paulo, em 1942, montou um Senai na Feira Nacional da Indústria. Trouxe um suíço chamado Roberto Mange, que montou o Senai. Montaram a primeira oficina do Senai, a primeira escola, para mostrar para todo mundo como que tinha que estudar, que as crianças tinham que estudar, tinham que aprender.

São Paulo tinha tido também a primeira escola técnica em 1907, tinha tido a USP em 1930. Nos anos 30 você tinha tido a USP e você tinha uma escola primária e um ensino médio extremamente qualificados.

Era para poucas pessoas, a gente sabe disso. Para poucas pessoas, porque, afinal de contas, tinham os vestibulares, tinha lá...

Como é a história? Agora eu não me lembro mais o nome. Mas tinha o adicional para você entrar no colegial e tal, né? É, o ginásial também tinha uma espécie de concurso para entrar. Só que eram boas escolas. Então, São Paulo sai na frente do Brasil também por isso. Mas parece...

O ser humano é muito de ir para frente e para trás, e o ser humano que nasce, assim, nessa região aqui nossa, né, abaixo do Equador, é mais assim ainda, né, porque... Então, tem muito essa coisa de que, de repente, a Educação deixou de ter tanta importância, né?

Então nós vimos que os investimentos educacionais no estado de São Paulo decaíram nos últimos 50 anos, e nos últimos 30, decaíram muito. No Brasil, nem se fala, mas no estado de São Paulo, decaíram muito. E São Paulo começa a perder a chamada “corrida educacional”, que São Paulo sempre esteve na frente, não é isso?

São Paulo sempre esteve na frente. Hoje, São Paulo é superado por estados como Piauí, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro... O estado do Rio de Janeiro - que eu adoro - é um estado quebrado, arrebentado por várias coisas que a gente sabe. E no entanto, o Piauí é pobre, saiu na nossa frente.

Então, eu acho que a homenagem ao Alex, na minha opinião, é uma homenagem à Educação brasileira, à Educação do estado de São Paulo. É um alerta que nós estamos dando assim: “Olhem para a Educação, olhem para as nossas crianças, para os nossos jovens”.

Aqui temos um jovem que é educador, que é apaixonado por ensinar, é apaixonado por métodos de ensino, é apaixonado pelo Paulo Freire, que também encontrou, no centenário de Paulo Freire, uma forma de homenagear Paulo Freire.

Por isso que eu acho importante. Eu me sinto bastante convicto, bastante feliz de trazer o Alex, porque o Alex não é o professor, o Alex é um pouco mais que o professor: é o educador.

É a pessoa que pensa, que dá aula, mas que pensa também no método de ensino, na estratégia para trabalhar com os alunos; não está muito ligado a uma faixa etária, tanto para criança quanto para jovem, é a área dele, mas também se tiver que discutir com os universitários, também discute.

Então, é o educador, né? Eu acho que é esse tipo de gente que faz falta hoje, como faz falta para nós educadores do passado, como vários que nós tivemos, o próprio Paulo Freire, outros educadores que nós tivemos no Brasil.

Na sua área musical... Você se lembra? Eu não me lembro, mas eu estudei. O Villa-Lobos montou os “Orfeões”, ou seja, eram Orfeus, que era uma espécie de coral em centenas de milhares de escolas no Brasil. Isso nos anos 50. Como que ele conseguiu montar e a gente não consegue montar hoje?

O Mário de Andrade, em São Paulo, quando foi secretário da Cultura, montou cursos de teatro em todas as escolas. Por que a gente não consegue montar hoje, né? Isso para falar em coisa que são, digamos assim, complementares ao ensino.

Nós tivemos grandes educadores no estado de São Paulo, grandes professores, né? Eu mesmo conheci alguns. Eram professores maravilhosos. Na verdade, isso está sendo deixado meio de lado.

O sujeito que vem assim, quer discutir método de ensino, quer discutir: “Como que vou formar pessoas, como que vou montar um curso?” e etc., é meio que deixado de lado, né? Meio chato, não precisa disso, né? Talvez construir uma estrada seja mais fácil.

É isso. Queria que o Alex entendesse disto: para mim, tem muito a ver com a homenagem a um educador, homenagem à Educação, e aí entra a Educação, entra o centenário de Paulo Freire e tudo. Eu queria que você sentisse isso, que você entendesse isso por aí.

Bom, nós tivemos, no estado de São Paulo, muita coisa boa, muita coisa ruim, mas este estado foi um dos poucos que investiu em Educação antes dos anos 30, antes dos anos 40.

O primeiro presidente da República que colocou, na sua campanha eleitoral, a Educação como prioridade foi o Juscelino Kubitschek de Oliveira, vocês acreditam nisso? Antes, nenhum tinha posto a Educação como prioridade.

Veja só que coisa impressionante. Depois reclama que a gente andou pouco, né? Claro. Tipo assim, mesmo que fosse para não fazer, mas eu digo assim, o presidente que colocou na sua plataforma de governo a Educação, foi Juscelino Kubitschek nos anos 60, já, final dos anos 50, começo dos anos 60. Antes, nenhum tinha posto.

O Getúlio Vargas não pôs, o Washington Luiz não pôs, nenhum deles. O Washington Luiz falava em estrada. Pegasse a estrada e colocasse na cabeça dele. Estrada não traz desenvolvimento. Estrada não traz desenvolvimento.

O que traz desenvolvimento é a educação de crianças, jovens e adultos. Isso traz desenvolvimento, isso é uma vantagem comparativa. Se o estado de São Paulo retomar a Educação - e o Brasil retomar a Educação -, nós vamos chegar, nos próximos 10, 15, 20 anos, em um País desenvolvido, avançado. Se a gente não fizer isso, nós vamos andar para trás como um caranguejo.